

QUINTA FEIRA
Lisboa--22 de Outubro c

Avença

OSTÓTE

6.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

28



sempre flore

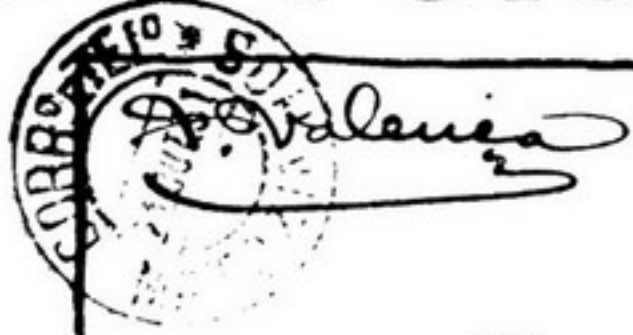
semanário
humorístico

Propriedade
RENASÇENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Admin. e Edição
REDACÇÃO e OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

De volta às Janelas Verdes



HERNANI B. HENRIQUE: — Em meu nome e no dos colegas dos púncis agradeço muito a viajata a Paris. Ficou sensação.
DR. JOSE DE FIGUEIRIDO — Foi um exite colossal. Mel-de-os levar a todo o mundo!
INFANTE: — E' só dizer, sr. Director. O mais que póde suceder é o sr. Luciano Freire ter de nos restaurar outra vez.



Os ditos da semana



Edison Morreu o maior homem do nosso tempo. O mundo inteiro devia vestir luto pela sua morte, já que tantas vezes o veste, á beira da sepultura de tanto imbecil que não trouxe a esta vida mais do que a sombra da sua prosapia.

Edison foi o maior homem do seu tempo porque chegou a dominar as forças da natureza e não deixou insolúvel nenhum dos problemas que se propoz resolver.

Num jornal da índole do nosso, e apesar disso, cabem bem estas palavras. A colossal figura que projecta a sua luz sobre a terra inteira, não é um ser como os outros. É maior do que todos os outros porque aos outros se avantajou em gloria e fama. É maior do que deus, porque deus fez a luz do dia e ele fez a luz da noite, que é bem mais difícil. Fazer a luz quando ha sol é facil cometimento, mas faz-la na noite, dissipando as trevas, é trabalho digno de deuses superiores.

Todos nós, miseros mortais, que andamos a fingir de pessoas muito importantes, criamos a vida, mas não sabemos como a criamos. Criamos o homem mas ignoramos porque o criamos e esse homem só fala ao fim de dois ou trez anos de criado.

Edison, porém, criou a maquina que fala e ta-la falar apenas sai das suas mãos de bruxo.

Edison realizou tudo quanto quiz, encontrou solução para todos os problemas. E agora mesmo, á hora da sua morte, pensava ele em descobrir o processo de falar com os mortos.

Até esse mesmo conseguiu. Se os mortos vivem além da vida, Edison já deve estar a falar com eles.

Esta é a nossa homenagem ao semi-deus. O exagero metafórico que ela encerra não diminue a figura do gigante.

Ponte sobre o Tejo

Mais uma vez volta a falar-se na Ponte sobre o Tejo. Já, em diversas ocasiões, o governo lhe deu para tras, mas os pretendentes não desistem. De tempos a tempos lançam a ponte a ver se pega a graça da ponte e ainda se ha-de correr os pontífices a ponta pé.

Pela parte que nos toca, concordamos absolutamente com o projecto e com a ponte. Quem nos dera a nós no dia feliz em que possamos dispensar o vapor de Cacilhas e ir por ai fóra, até á

DR. ALBERTO MAC-BRIDE



Um grande medico. Acostumado á Grande Guerra, declarou guerra de morte a todos os microbios, donde lhe vem o nome de combatente da grande guerra ás doenças. Trata os seus clientes com tanto carinho que até parece impossível. Vêem-se caras e não se vêem corações.

Outra Banda, passando por cima de barcaças e navios, tal qual como se fossemos gaiotas, acabando por dar fundo na Cova da Piedade que, se é triste por ser cova, também tem as suas compensações no facto de ser da Piedade.

Nessa altura a cidade estender-se-ha pela Outra Banda, alargando, alargando sempre, por esses campos além, em surpreendentes avenidas, em deslumbrantes panoramas até alcançar Aldegalega, Barreiro, Almada, Setubal, Beja e Évora e reduzindo Faro a condição de suburbio da capital. E os electricos e os comboios e os automoveis e os camions, numa azafama de progresso, percorrendo todas aquelas colossais arterias, com velocidades maximas, para que se possa jantar na Garrett e ir tomar o café a Setubal, como quem passa da casa de jantar á sala de fumo.

Além disso deleita-nos a certeza de que podemos, com a maior facilidade, mandar a Palmela certos amigos de Peniche.

Venha a ponte.

O corpo femenino Antigamente o corpo da mulher era como Deus o dava. Mais grosso ou mais fino, era obra da natureza e, quando muito, só os pais e as mães, revendo-se nos seus re-bentos, podiam exclamar:

— Eis a nossa obra.

Mas veio a moda e os costureiros transformaram-se em escultores «aqui desbasta, ali recama» como dizia o saudoso padre Vieira, e pegaram nas filhas dos outros e desata-ram a amolgalas, a aplaina-las, a limpar arestas e sinuosidades, de tal forma e com tamanho desaforo que, quando um pai vê sair de casa uma filha, para ir á modista, não pôde ter a certeza de reconhecer-la no regresso, depois de espalmada e passada a ferro.

A culpa, a grande culpa teem-na os franceses, que, não sabendo fazer filhos, se limitam, por este processo, a emendar os dos outros. E depois admiram-se da falta de natalidade em França. Pude-ra! E' que os embriões apenas entram no uzo da razão —da razão primordial e redu-zida que lhes não permite compreender estas mirabolancias da moda—põem-se á espreita, já ambiciosos e interesseiros, na mira de descobrir os meios de subsistencia que e nascimento lhes reserva e, como não veem nada, mesmo nãda, (porque de talhos e mercearias ainda não entendem) resolvem desistir de nascer e morrem sem vêr a luz do dia.

—Abaixo a carne, diz a moda e viva o osso esbugado e limpo!

Vão fechar os talhos, mas em compensação, vão abrir muitas fabricas de botões de ceroula.

Industria do mel O governo acaba de publicar um decreto no intuito de desenvolver a industria do mel. Criam-se varios organismos de protecção ao mel, postos de informação e verdadeiras escolas onde se ensinará o segredo da abelha.

Daqui a pouco o mel escorre ai por todos os cantos, e passa a gente a andar pegajosa como se tivesse caido num papel mata-moscas.

Com tantos meis não haverá mais mas...

Tudo doce, tudo em ponto de rebuçado, em ponto de perola, tudo xarope, tudo licoroso, que não é com vinagre que se apanham moscas, mosquitos, melgas e outros insectos domesticos.

Agora sim! Finalmente.

Alves da Silva Amanhã, pelas 21 e meia realiza o tenor Alves da Silva, no Teatro S. Carlos, o seu anunciado concerto.

Não perca o publico esta bela ocasião de ouvir o grande tenor que tem uma voz do seu tamanho —um metro e noventa e sete— e já cantou a escala toda no «Scala» de Milão. Oxalá que o tenor de Milão arranje um milhão de notas no seu concerto de amanhã.

Perguntas sem resposta

Porque é que sendo da camara as pom-bas do Rocio, são os municipes que lhes dão de comer?

Porque é que se enxugam os fatos de banho se eles so servem dentro de agua?

Porque é que se chama «do Paço», ao Terreiro do dito?

Aparece brevemente:



Edição da Renascença Grafico-Lisboa

THEATRO

«RETROZ PRETO...»

Maestro Frederico de Freitas



Tão novo e tão maestro!... A musica popular portuguesa posta em classica. Elegancia de composição e elegancia de regencia. O primeiro maestro português, da nova geração, segundo se assevera depois da «Severa».

PELOS anuncios dos jornais ficamos sabendo que, no terraco do Capitolo se exibem quadros de conjunto que constam de *Cenas de Andaluz - Valencia - Aragão e Madrid*.

Cenas de Andaluz, é boa! É boa e deve ter causado excelente impressão ali para o bairro de Andaluz, a volta do chafariz... que é onde mora a Lina Demoel.

■ ■ ■

DUAS Chamas. Já ha quem diga: -- «Ora agora chamas tu, ora agora chamo eu!»

■ ■ ■

VAMOS ter a revista *Merilhão* no Variedades, que é ensaiada por Francis.

Este bailarino sempre foi muito... *merilhão!*

■ ■ ■

VAI haver o *Fim do Mundo* no Colleeu dos Recreios.

Fim do mundo já lá houve, quando mandaram terminar os espectaculos do *Vies Portugal*.

■ ■ ■

ANDA-SE em negociações para

representar a peça *O homem que inspira confiança*.

Quem a traduziu inspira confiança.

É a peça?

O nosso querido amigo Erico Braga vai reaparecer na peça franceza *Boa Sorte*.

Tem sempre sorte, o rapaz!

■ ■ ■

CRISTOVAO AIRES é o tradutor duma peça que vai ser brevemente representada no teatro da Trindade.

Cautela... com es criticados!

■ ■ ■

TRANSREVEMOS do *Diario de Lisboa*:

«A lindissima peça do grande dramaturgo italiano Luigi Pirandello, traduzida pelo poeta Antonio Bôto, e que será representada esta epoca, no Gimnasio, pela companhia Ester Leão, vai surpreender o grande publico pelo desassombro com que é tratado um caso de maternidade.»

■ ■ ■

Era só o que faltava! O Pirandello parteiro!

A Antonio Bôto desejamos um bom sucesso!

■ ■ ■

■ ■ ■

TAMBEM do *Diario de Lisboa*:

«Termina no final deste mes o contrato de arrendamento dum teatro popular, a favor dum conhecido empresario, e que durava já ha cinco anos.»

Lá se acabam os captivos!

■ ■ ■

SABEMOS que o nosso camarada Artur Portela está escrevendo uma peça intitulada *D. Carlos*, onde é focada a vida do rei assassinado.

Esperemos que a peça não seja tambem um assassinato!

■ ■ ■

VAI comecar a singrar, no Maria Vitoria, a *Nau Cairineta*.

Ja sabemos que tem muito que contar; esperamos que ela tenha muito que ver...

■ ■ ■

UM novo chamado Armando Portela traduziu, de colaboração com José Gamba, uma peça a que deu o titulo *As Cerejas estão maduras*.

Não virão fora de tempo?

LEONOR Teles subiu a cena, com grande exito, no Nacional.

Ora até que enfim que se revive teatro estorico...

■ ■ ■

O *Canto da Cigarra*... continua ate domingo.

Naturalmente para aproveitar este lindo sol de verão...

■ ■ ■

CONSTA que os actores Vasco Sant'Ana e Costinha foram contratados por Chefalo para a sua companhia de anões...

■ ■ ■

UMA anedota, que terá a graça que os leitores quizerem.

No escritorio dum conhecido empresario teatral discutia-se a produção espanhola, com copiosos elogios. A certa altura, houve quem dissesse:

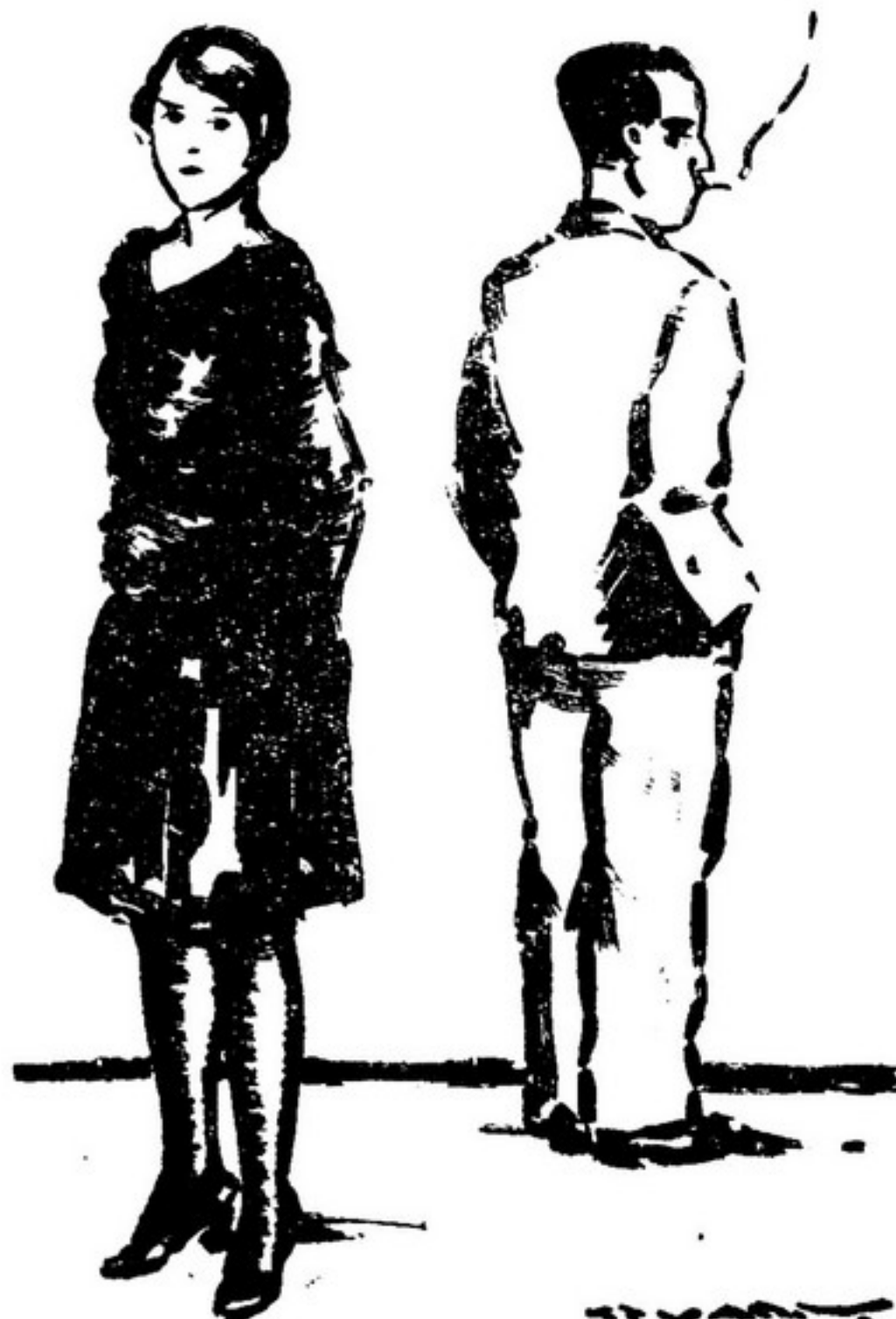
— Os autores espanhóis rimam duma maneira diversa da nossa!

Logo um jornalista double de critico:

— Ca na nossa casa, em materia teatral, rimamos sempre contra a maré!

O HOMEM DE TODAS AS HORAS

LOGICA



— Não podes dizer que andei atraz de ti, que te fui buscar, que te persegui.

— Tambem a ratoeira não anda atraz do rato e ele cai nela!

A Grande Guerra

A Grande Guerra continua a dar pano para mangas, visto que, com os actos heroicos dos combatentes, ninguém manga...

Para deliciar os numerosos leitores do *Sempre Fixe*, aqui vão três aneddotas todas fresquinhas *en-nature*:

Um cabo de infantaria foi atingido, em La Lys, com uma bala no ombro esquerdo. Conduzido à ambulância, um facultativo sondou a ferida do padecente, que sofreu dores horribéis.

Fartinho já de dar o corpo ao manifesto, o cabo gritou:

— Que crime fiz eu, Santo Deus, para o doutor me martirizar desse modo?!

— Socega, rapaz! — respondeu o Hipócrates esculapiano. — Estou a fazer o possível para extrair a bala.

O pobre *lançado*, erguendo-se lésto do leito:

— Por S. Gregório! Porque não me disse isso há mais tempo? A bala, tenho-a aqui na algibeira!

Dois soldados de sapadores, montanheses de quatro costados, ainda imberbes, acabada a conflagração europeia, regressaram à sua terra natal.

É claro, e assunto do dia, entre os seus conterrâncos, constou das proezas militares feitas em França, sob a metralha.

O João, todo ufano:

— Eu, pela minha parte, cortei o braço a um boche gigante!

Um dos companheiros que o escutava, sorrindo, observou-lhe:

— Oh! grande parvo! Então porque não lhe cortaste a cabeça?!

— Cabeça já ele não tinha! — respondeu o soldado combatente, muito sério.

A um militar que fez parte da *mão fatal*, em galicás terras, e que estava a responder em conselho de guerra, foi-lhe perguntado por um dos julgadores:

— O réu é católico?

— Não, senhor.

— É protestante?

— Não, senhor.

— Que é, então?

— Soldado sinalheiro de caçadores...

115 DA 4.

A crise inglesa vista de Portugal

Sob este título, o grande estadista inglês Marques Donald aprecia, no *Príncipe de Janeiro*, a crise do seu país.

Do artigo de tacamos esta passagem:

«Não he que perder tempo para indagar se as coisas, sendo assim, poderiam ter sido ou ser ainda de maneira diferente.»

A nos parece-nos que não, portanto, fosse como fosse, se fosse como fora fora... é claro, o que tivesse sido eu viesse a ser — não poderia ter sido ou ser ainda de maneira diferente, visto que teria sido ou seria ainda da mesma maneira, ou a logica é aquilo a que os franceses chamam, chamaram e virão a chamar «potatoes». De contrario, se assim não fosse nem tivesse sido, teríamos o que entre nós se chama uma *intentiona contra a estilstica*.

Ser ou não ser? Eis a questão.

A descoberta do caminho marítimo para o Porto

Diario de bordo

DIA 14. — *A's 16 horas.* — Parece que se embarca. Despedida afectuosa. As numerosas pessoas que se vieram despedir, ao cais, não choram porque até julgam ver-se livres de nós. O navio começa a sair para dentro. Parece que vai para Vila Franca. Apesar de fazermos tenção de ir para o Porto, não nos importamos. Tanto pagamos para um lado como para o outro.

16 e um minuto e meio. — Chega um passageiro atrasado. Traz um molho de jornais que foi comprar para ler a bordo. Já não ha ponte para ele entrar no barco. O homem não hesita. Atira com os jornais ao mar e dum pulo agarra-se a uma corda. Foi um acto de coragem. O homensinho tem cara de maluco, mas não é. É tcheco-eslovaco, mas mais tarde soubemos que é da musica.

16 e 10 minutos. — O navio arrepende-se e resolve-se a seguir Tejo abaixo. Sempre vamos para o Porto. Fomos ao commissario para que nos desse a *cabine*. Dão-nos um *cabine* com camas para duas pessoas e luz para uma.

17 horas. — Saimos a barra. Toca uma sineta, mas infelizmente ainda não é para o jantar.

18 horas. — Volta a tocar de novo a sineta, mas também não é para o jantar.

19 horas. — Não toca nenhuma sineta e não se janta.

20 horas. — Finalmente vamos jantar. Voltamos a ver o homensinho que chegou tarde para embarcar. Tem pelos vistos, a mania de se agarrar às cordas. De tarde, agarrou-se á corda do navio. Agora agarra-se ás cordas do violoncelo e não o larga.

21 horas. — Jantamos deliciosamente bem, apesar de ao nosso lado ter ficado um menino cheinho de penugem pela cara, que até fazia aflicção. Também é maluco. Como não podia morder em nós, porque podia parecer mal ás outras pessoas, começou a morder numa pedra.

21 e 10 minutos. — O menino da pedra era irmão de um outro menino enjoado. Esse não veio jantar porque todo o tempo era pouco para lançar.

21 e 30 minutos. — Berlingas á

vista! Os amigos de Peniche que estão na praia, lá muito ao longe, piscam-nos os olhos, como que a dizer-nos: «Hein! Seus toleirões! Nós bem sabemos em que condições vão vocês a bordo!»

22 horas. — Uma volta no *deck*. Vamos ouvir um pouco de musica. Succede-nos agora o unico contratempo a bordo. O terceto toca o *Fado da Severa*, da fita de Leitão de Barros. Até no alto mar! E nós que fazemos esta viagem só para não ouvirmos o *Timpanas*, em Lisboa.

22 e 30 minutos. — Passamos á sala de fumo. Dois cavalheiros, de lapis e papel na mão, falam muito, mas toda a conversa é em numeros. A certa altura, um deles diz: «Um tiro num navio de dois canos». Percorrem-nos calafrias pelas espinhas todas que possuímos. Responde um outro: «Um submarino no fundo». Temos mais calafrios nas espinhas.

23 horas. — Inquirimos o que se passava e apurámos que se tratava de um inofensivo combate naval, jogo muito em voga, apesar de termos ouvido ainda ha pouco dizer que tinham metido no fundo o navio almirante.

24 horas. — Dormimos a sono solto.

25 horas. — Prendemos o sono.

26 horas. — Estamos quasi a chegar. Só falta chegar a Leixões...

27 horas. — Ainda dormimos com o sono outra vez solto.

28 horas. — Até esta hora não ouvimos ainda o pregão da mulher da fava rica nem o garoto dos jornais a apregoar o jornal de bordo.

29 horas. — Partiu-se a corda do nosso relógio. Desconfiamos que foi o tal tcheco que é musico que se agarrou á corda e a partiu. Ele tem a mania de se agarrar a todas as cordas.

30 horas. — Não podemos continuar o nosso diario. Tem que passar a ser semanario... Até para a semana. Já está Leixões á vista. Fomos os primeiros a cá chegar porque vamos mesmo na proa do navio e o resto dos passageiros e tripulação vai tudo lá para traz.

Um par de solitarios... navegadores.

Graça dos outros

O filho de Calino enguliu um trago de tinta de escrever e a mãe, muito aflita, quer mandar chamar o medico. Calino intervem imediatamente:

— Um medico para quê? Se o pequeno bebeu tinta de escrever, que coma um bocado de papel de chupar e está acabado.

É costume, entre caçadores, contar partidas curiosas, como tiros raros e dificeis e feridas pouco comuns.

Um espanhol disse uma vez:

— Nesse ponto ninguém fez o que eu fiz!

— Então que foi? — perguntaram-lhe.

— Dum tiro deixei ferida uma lebre na orelha esquerda e num dedo do pé esquerdo.

— Como pode ser isso?

— É que, quando lhe fiz pontaria, ela estava a coçar-se...

— Homem, para que casaste com uma mulher tão pequena?

— Eu te digo. Fiz cá o meu calculo e disse comigo mesmo: «Do mal o menos».

Uma senhora persuade-se de que lhe entram ladrões em casa. Assustada, pede socorro, grita desesperadamente, mas só lhe aparecem as criadas.

— Como assim! — diz ela, cheia de indignação. — Pois vocês são nada menos de quatro e nenhuma tem um soldado da guarda republicana?...

Um medico receitava a uma menina que tomasse ferro.

— E eu como o hei de mastigar, sr. doutor?! É tão duro...

— Grande coisa é não poder morrer um homem!

— Então quem é que não pode morrer?

— Sou eu.

— Porquê?!

— Porque não tenho onde cair morto...

— Teve algum medico?

— Não, senhor! Morreu sózinho!...

— O que fazes tu para estar tão gordo?

— Vou todos os domingos a Sintra encher-me de ar...

Num museu de pintura:

Ele: — Este quadro é do extraordinario pintor Camaleão ás Riscas, um artista maravilhoso, filho das suas proprias obras...

O amigo: — Então deve ser muito feio!...

Na aldeia:

O proprietario: — Aqui não lhe posso dar trabalho, mas vá você ali em frente, áquela quinta, que o dono precisa de alguém que seja o seu braço direito.

O vagabundo: — Que pena ser canhoto...

O caçador: — Era uma serpente enorme. Media sessenta metros!

O amigo: — De comprimento? Que monstruosidade!

O caçador: — Não, homem, de largura...



— O medico proibiu-me de dansar, fumar e amar. Que me resta, pois!?

Elevador da Gloria Como vive a alfacinha

Heuve em tempos, em Peniche, uma Camara de que faziam parte Francisco da Costa Belo, Verissimo de Almeida Coelho e José Manuel da Silva Guizado, que rubricavam os papeis por ordem de nomes, de modo que as rubricas davam sempre:

Belo Coelho Guizado.

A dona da casa: — Nada de escandalos, meu amigo! O cavalheiro que o esbofeteou outro dia está aqui!

Ele: — Não importa! Vou apresentar-lhe as minhas desculpas...

No hospital:

A enfermeira, que é muito feia: — O doente da cama 38 tentou dar-me um beijo!

O director: — Quiz beijá-la? Tome-lhe imediatamente a temperatura...

Entre velhos gaiteiros:

— Não julgues que o comunismo é tão mau como dizem. Até estabeleceu o amor livre!

— Ah, sim?! E demorará muito a vir o comunismo?...

No teatro:

O director de cena: — Já sabe?

A corista: — O quê?

O director de cena: — Que ao espaço geral podem assistir as vossas mães, mas só uma por cada corista...

Ele: — Então tenho que desistia?

Ela: — Tem! Para este inverno tu tenho noivo...

A sogra: — Durará muito o teu amor?

O soldado: — Julgo que sim! Esta noite estou de licença...

A saída da cadeia:

— Porque nos põem em liberdade?

— Isso digo eu! Não me recorda que na prisão tivesse proccido mal...

Lendo o jornal:

A mulher: — Tiveram um acidente de automovel oito dias depois de se casarem.

O marido: — Uma desgraça nunca vem só!...

Numa pensão da provincia:

O hospede: — Como é isto?! Então você põe-me na conta vinte mil réis de electricidade, que é coisa que não ha cá em casa!

O patrão: — Bem sei! Mas é para as despesas da sua instalação...

José: — Não sejas parvo! A agua tem matado muito mais gente de que o vinho!

João: — Não acredito!

José: — Recorda-te do diluvio...

Na esquadra:

O qüestoso, muito ferido: — Veja, sr. chefe, em que estado me puseram!

O chefe: — Porque não chamou um guarda?

O primeiro: — Foi um guarda que me bateu!...

Entrevista com uma parteira que já assistiu a 37.897.542.983.500 nascimentos

Nós nunca nos deixamos ficar atrás de ninguém. O que os outros fazem também nós podemos fazê-lo e melhor.

Vamos ouvir a mulher alfacinha e dizer aos leitores como ela vive, como ela ama, como ela aspira e até talvez como ela morre.

Para começar, ouvimos hoje a sr.^a D. Augusta Nascimento do Bom Sucesso Passos Dias, parteira diplomada, senhora do seu nariz e de cabelinho na venta, no queixo e no labio superior.

— Esta satisfeita com a sua profissão?

— Satisfeitíssima. Pasta ser uma profissão em que a gente está como no teatro — assistindo. Muitas vezes limitam-nos apenas a aplaudir. As creanças vem a este mundo sem a gente meter para ali prego nem estopa. Algumas parece até que já sabem o caminho, como um polícia de tran-

senhor, quando quere fazer uma graça a um pobre, sabe muito bem como é que o faz.

— Encontra alegria na sua profissão?

— Muita alegria. O senhor sabe lá a alegria que a gente sente quando um petiz, que ainda nem viu agua pela primeira vez, se transforma num chafariz...

— E as mães?

— Essas, depois daqueles momentos de susto, de medo natural, depois daquilo a que os franceses chamam *avoir le trac*, ficam muito silenciosas, muito contentes e muito quietas.

— Gosta de lêr?

— Imenso. Principalmente as contas dos meus honorarios, quando acabo de as passar para enviar as clientes. De resto, já li "Nada de novo na frente ocidental", mas acho uma maçada, porque quasi sempre obriga a voltar



A nossa entrevistada D. Augusta Nascimento do Bom Sucesso Passos Dias pousando especialmente para o "Sempre Fixe"

sito. Depois lançam-las nos braços da mãe e pronto. Do que elas podem vir a ser não queremos saber, nem temos responsabilidades. Como Pilatos, lavamos dali as nossas mãos.

— Se não tivesse essa profissão, o que gostaria de ser?

— Ferroviaria, empregada por exemplo na estação do Rossio.

— Mas, porque é essa predilecção?

— Porque acho um grande encanto em ver os comboios a sair do tunel. E' talvez uma esquisitice.

— Que pensa do casamento?

— Que deve ser a aspiração de todas as parteiras... nos outros, porque o casamento é, por assim dizer, a materia prima da nossa profissão, a força motriz da nossa vida, a garantia das nossas subsistências. Per isso é que, tanto eu como as minhas colegas, temos um verdadeiro horror por certos mecos bonitos que para ai ha, que so nos deram trabalho quando nasceram.

— A quantos nascimentos tem assistido.

— A 37.897.542.983.500.

— Ih! — fizemos nós. — Como é isso possível?

— Não vê o senhor que, neste numero, incluem-se creanças e pintos, porque eu fui, em pequena, empregada numa exploração avícola e era eu quem assistia ao nascimento dos pintos. Dai ficou-me talvez este geito de parteira, *ab ovo*.

— Concorda com a emancipação da mulher?

— E' claro. A mulher deve bastar-se a si propria.

— Mas se assim fôsse, diminuiriam os seus proventos.

— Não, senhor, que Deus Nosso

atraz, a repetir a leitura. Li também "Os ultimos dias de Pompeia", mas quando cheguei á altura em que morrem todos, abandonei o livro. Já não havia clientes, para que estava a maçar-me?

— E de desporto, gosta?

— Não. Gostaria do *golf*, por exemplo, mas aquela coisa de meter as bolas no buraco parece-me muito difficil. Se fôsse o contrario, talvez experimentasse.

— Quais os meses em que ha mais nascimentos?

— Não ha distincção. Os petizes vão vindo conforme lhes dá na gana. Não tem epochas proprias, coitaditos, como as pessoas crescidas, por exemplo, que só vão para fora no verão. Elas ainda não percebem nada de estações. So entendem de apeadeiros.

— Tem filhos?

— 16 e um que me faz a barba. E' barbeiro na baixa e rapa-me a nuca e os suburbios onde encontra materia prima.

— Nem todas as mulheres gostam de ser mães?

— Nem todas. Poucas mesmo. O picot é que quasi sempre se lembram disso muito tarde e é o que nos vale.

— Tem politica?

— Que horror! Imagine que uma vez, numa revolução, caíram-me em casa uma granada e um marujo. A granada meteu-se na cama e o marujo pôs-se á janela aos tiros para a rua. Anda tudo ás avessas. Diga-me o senhor se eu posso gostar de politica. Não ganhei nunca nada com ela...

Nesta altura bateram nervosamente á porta:

— D. Augusta, venha depressa!

E ela lá foi sem sequer se despedir e nós ficámos a pensar se seria pinto ou creança.



— V. Ex.^a passa bem?

— Então não vê que sou gorda... e a porta estreita?

O PROBLEMA

A vislhança do meu amigo Evaristo é tudo boa gente.

Por cima, mora uma senhora poetisa, que é tão inspirada que te faz a limpeza da casa -por inspiração! No andar de baixo mora uma senhora e-panhoia que morav em frente. Mas desde que o Evaristo lhe conheceu a -arrastar a aza, mudou-se para debaixo da casa dele...

E ao lado mora uma senhora muito nova, mas já viuva dum senhor que era professor de -matematica antes de ser cadaver...

Foi com esta familia do lado que se deu um facto que passo a relatar, para que os leitores avaliem da intelligencia precoce do Evaristo:

No dia em que o tal senhor que era matematico se casou, bateram á porta do Evaristo e um senhor bem pesto e tem disposto interrogou amavel:

— V. ex.^a sabe dizer-me se aqui ao lado não está ninguém? E' que estou farto de bater...

E o Evaristo, sollicito, explicou:

— Ah! O sr. professor não está! Foi á greja!

— Se calhar, foi á missa...

— Não, senhor! Foi-se casar, e com uma cachopa de dezesseis anos!

— O quê?! Então ele, já com 68 anos, casou-se com uma senhora de 16?

— E' verdade! — respondeu ainda o Evaristo.

— E eu que vinha cá para ele me explicar um problema...

— Um problema? Ah! Sim! Eu sei que o meu visinho é um grande matematico.

— Bem, paciência... Eu volta-rei. E muito obrigado!

— As suas ordens.

E o Evaristo fechou a porta.

Passados quinze dias, já o infeliz matematico tinha falecido, o mesmo cavalheiro ternou a bater a porta do Evaristo. E repetiu-se a pergunta:

— V. ex.^a sabe-me dizer se o sr. professor saiu?

— O sr. professor não está! — respondeu o nosso heroi. — Está no Alto de S. João!

— Se calhar foi a algum ent-terro.

— Não, senhor! Morreu antes de ontem!

— Morreu?! Oh! Que infelicidade! E eu que lhe vinha pedir para me resolver o tal problema!

O Evaristo então explicou:

— Pois foi exactamente por querer resolver um problema que ele morreu! Imagine que queria por força ver quantas vezes em dezasseis cabiam sessenta e oito!

ANIBAL NAZARÉ.

Cacharolete

O Stuart Carvalhais, humorista inimitável, fez um dia uma «partida» que é, na verdade... admirável:

Morava ha tempo em Lisboa um engenheiro alemão que teve de se ir embora, quando da conflagração.

Chamou o Stuart amigo e disse-lhe, em confidencia: — Vou implorar-te um favor, se te está na consciencia:

Vou-me embora para Espanha, até a guerra acabar, pois estou bem convencido que isto vai tudo «num ar».

Instalas-te em minha casa, pagas a renda, e depois, quando tudo isto acabar, ficamos vivendo os dois.

Foi-se embora o alemão, passaram-se meses, anos, e a guerra sempre a durar, com seus lances deshumanos.

Veiu o armistício, a paz, o alemão regressou, e, depois de mil trabalhos, o Stuart encontrou:

— Como estás? — A minha casa? — disseram os dois amigos. E logo o Stuart: — O' filho, eram bens dos inimigos...

O HOMEM DOS TIMBALES.

Certo amigo, cujo nome não vem para o caso agora, uma tarde consultou-me: — Tu conheces de gingeira a minha vizinha Aurora, que é petisco de primeira e nada p'ra deitar fora? — Depois de me descrever todo o fogo da paixão em labaredas a arder na poipa do coração e em lava ardente a escorrer da cratera dum vulcão a que se chama desejo, rematou o meu amigo: — Preciso pregar-lhe um beijo! — Respondi: — Isso é contigo, dá-lhe beijos á vontade! — Ha uma dificuldade que me tem feito hesitar: e não saber bem ao certo onde lho hei-de pespegar. Vê lá o que me aconselhas! — — Dá-lhe onde ficar mais perto, no pescoço, nas orelhas, na boca, nas sobranceiras, nas bochechas, no nariz, nos cabelos, no... — Suspende! — o meu amigo me diz. — No primeiro bom ensejo nada me detem nem prende e hei de pespegar-lhe um beijo! — ... Dias depois encontrei o amigo, que me saltou triunfante como um rei, e apenas me viu, berrou numa alegria devota: — A beijoca já lhe dei! — Curioso, perguntei: — E onde foi? — Na Porcalhota!.

ANTONIO AMARGO.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Leilão

Em 25 do corrente e dias seguintes, ás 11 horas na estação desta Companhia em Lisboa, Caes dos Soldados, e em virtude do Aviso ao Publico A. n.º 131 de 25 de Julho de 1927, do Artigo 111.º da Tarifa geral e do Artigo 9.º da Tarifa de Despezas Accessorias, proceder-se-á a venda em hasta publica de todas as remessas incursas nos respectivos prazos bem como de outros volumes não reclamados. Avisam-se, portanto, os respectivos consignatários de que poderão ainda retirá-los, pagando o seu débito á Companhia, pelo que terão de dirigir-se ao Serviço do Movimento, Reparação de Reclamações e Leilões na estação do Caes dos Soldados, todos os dias úteis até 24 do corrente das 10 ás 17 horas. O leilão realiza-se no Armazem situado no fim do molhe n.º 5 da referida estação de Lisboa, com serventia pela porta existente na rampa da Calçada de Santa Apollonia, defronte do gradamento. Lisboa, 7 de Outubro de 1931. O Director Geral da Companhia Ferreira de Mesquita

DESSPORTOS

A desportiva graça dos espanhois

Não ha duvida nenhuma de que os jornalistas desportivos de *nuestros hermanos* são pessoas cheias de graça e boa disposição. Vamos dar duas amostras da graça espanhola, a que ninguém poderá negar graça e espirito. O critico Angelo, do jornal *Ahora*, referindo-se ao encontro Atletico-Madrid, no qual se verificou o resultado de 3 goals a 1 a favor deste ultimo, refere-se assim, com boa graça, como ides ver ao trabalho do referee:

«O arbitro, sr. Ostallé, dirigiu o encontro com uma ignorancia admiravelmente imparcial.»

Como este dito se pode aplicar a algumas arbitragens realizadas em Lisboa...

Do jornal espanhol *A. B. C.* é tirada esta prosa a que não falta espirito e bom-humor:

«As multidões continuam assaltando os campos de «foot-ball». Em Castellon. Em Praga. Em Buenos Aires.»

Em todas as partes. Isto continua succedendo por fortuna para os arbitros. Porque no dia em que os arbitros não corram riscos terriveis no exercicio da sua profissão, esta será demasiado confortavel, e então todos desejaremos ser arbitros e já ser arbitro não dará dinheiro. Convém, pois, que o trabalho de distribuir melodias de apito entre duas «equipes» conserve o tom heroico e guerreiro do dia.»

Então não é certo que *nuestros hermanos* teem graça?

Os jogos de foot-ball de domingo não tiveram ninguem a presenciá-los, premiando assim a obra dos dirigentes lisboetas.

Nas Salésias, o irmão mais novo, de nome Jorge, do grande internacional Pepé, olhando a escausa multidão, teve esta frase que merece ser arquivada nas nossas colunas e que revela uma sintomatica maneira de pensar: — Se o «foot-ball» continuar assim, qualquer dia nem pagando aos espectadores conseguirão publico.

JONICA

Prosa de Cha-Velho

Cada vez mais me convenco que a verdadeira emoção tauromáquica se encontra nas novilhadas, sobretudo quando estas teem lugar em Madrid, onde os aspirantes á gloria toureiam dispostos a sair triunfantes, em ombros dos entusiastas, e pela porta grande, ou a sair colhidos, em braços dos «monos-sabios», pela porta da enfermaria.

«Manana, voy por la oreja ó por la corná» — dizem os novilheiros na vespera de tourearem em Madrid.

E é vê-los, deixando-se raspar pelas hastes da fera. Deixando-se matar, se preciso fór.

Ha oito dias, vi em Madrid uma destas novilhadas celebres — a da estreia de «El Nino de Haro» e de Palmeno II — e, estando comigo cronistas taurinos habituados a ver touros todo o ano, todos saímos da praça com os nervos aguçados, vibrando, como das praças de touros se deve sair.

E os novilheiros tambem saíram como queriam — cortando ambos as orelhas dos seus inimigos.

Em compensação, deu-se no dia seguinte, dia da Festa da Raça, uma corrida de touros em que os toureiros se não arrimaram nem «en broma». Aconteceu até que a um deles, Gil Tovar, que é de Barcelona e confirmava alternativa, lhe gritaram: «Ya sabemos porque toreas tan separado del toro: Eres catalan y separatista...»

Bem entendido que em algumas corridas de touros pode haver autentica emoção, e entre estas figura a que amanhã, quinta-feira, 22, dá em Badajoz a Associação da Imprensa local. Nela toureira aquele que mais sabe e que mais defende o lugar — Marcial Lalanda — e aquele que mais se arrima e melhor se quer collocar — Domingo Ortega. Ambos disputam uma medalha de ouro e, neste final de temporada, ambos a quèrerão ganhar. Quem será o vencedor? E qual o vencido?

PEREZ LA CHAISE

Um carregador no tribunal



O JUIZ — Não sente a responsabilidade que pesa sobre os seus ombros?
O REU — Não, senhor juiz, estou acostumado a cargas bem pesadas...

Noticias do dia

Pesquisa macabra

Queixou-se á policia o leiteiro Cesar Suzano de que lhe roubaram uma cabra, avaliada nalgumas centenas de contos. Tomou conta do caso o agente Pai Litos, que entrou já em acção, esperando entregar ainda hoje ao Cesar o que de Cesar.

Mãe desnaturada

Uma leiteira de nome Elvira Leite entregou um seu filho, dos mais menores, a uma ama, por não ter leite para o criar. A leiteira teve este gesto de desespero depois de muito instada pelo marido. O marido foi muito cumprimentado por este seu gesto.

Achado arqueologico

Ontem foi encontrada a conversar com um escritor teatral uma antiga actriz do nosso teatro, disfarçada em joven. Foi encarregado de estudar o achado o distinto arqueologo Matos Sequeira, que começou já os seus estudos no intuito de saber em que epoca se estreou esta actriz. O sr. Matos Sequeira compilou já diversos livros muito antigos, entre eles a *Carteira do Artista*, de Sousa Bastos, que nada diz sobre o assunto, o que é para admirar.

Brevemente vai começar a pesquisar nas ruínas gregas, esperando chegar a uma conclusão dentro de breves dias.

Pagar e não comer

Foi ontem preso um individuo que, entrando num restaurante da Baixa, pagou largamente e não comeu nada. Foi entregue ao Governo, que ficou muito penhorado com a oferta.

Do estrangeiro

Conflicto sino-japonês

MANDCHURIA, 33. — A China a fim de regularizar a situação, vai declarar a guerra ao Japão. Estes povos estão em guerra há já algum tempo, mas apenas com o nome de conflito. — *(United Press)*.

A queda da libra

LONDRES, 73. — Ontem, quando se dirigia para a bolsa, caiu na Regent Street a Libra, que ficou muito contusa. — *(Especial)*.

Sociedade das Nações

GENEVA, 0. — Por terem as tuas cetas em atraso, vão ser eliminados desta sociedade alguns socios. E' tambem quasi certo que esta sociedade concorrerá ao campeonato de foot-ball da Europa.

Em Espanha

MADRID, 70. — Ontem, no Parlamento, houve violenta discussao entre alguns deputados e varios ministros. Um dos deputados queria que saísse do ministerio um ministro e fósse outro politico ocupar o seu lugar. Foi-lhe respondido que, se aquele ministro saísse, esse só seria substituído por outro cujo nome citou. O deputado declarou que, se essa pessoa fósse para ministro, a situação iria de Maura a pior. — *(Fatas)*.

Quereis dinheiro?

Jogai no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA
Sempre sortes grandes

Sortes grandes?

só o PINA se vende
75 - Rua de S. Paulo - 77



— Tens a certeza que é um ovo de dia?
— Tenho; o que não sei é de que dia.

ADVOCACIA PERIGOSA

Nem somente o vinho é o fermento que azeda a concordia entre os homens, presentea de-os, e azeda com uma temperatura de indignação para avallar a rebelião do abasamento das consciências a rivera, essa das paragens do colite dos pensamentos. É muito paradoxal que isto pára e incontestável que a água não faz também a sua pirraçona. E muito estranho as vezes a água venha...

Companhias Sarnadas e Caspuro e uma velha oração, mas não es a vela. A utilização das águas duma represa, que havia de ser levada nos braços das águas, pertencentes, respectivamente, a cada um d'elles, era a que se desarmatizava de modo que ambos subsistiram a cultura da amizade, até sempre ferida por sua caridade, pela vida cultura da amizade, e quando se e pendo-se a amizade, quando se pendo-se a amizade, quando se pendo-se a amizade...

— O caso é um pouco complicado e não sei ainda de que lado está a razão. Contudo, você apresenta esta carta ao meu colega sr. F. e, meu amigo, quem tiver razão é que ganha.

— O caso é um pouco complicado e não sei ainda de que lado está a razão. Contudo, você apresenta esta carta ao meu colega sr. F. e, meu amigo, quem tiver razão é que ganha.

— O caso é um pouco complicado e não sei ainda de que lado está a razão. Contudo, você apresenta esta carta ao meu colega sr. F. e, meu amigo, quem tiver razão é que ganha.

— O caso é um pouco complicado e não sei ainda de que lado está a razão. Contudo, você apresenta esta carta ao meu colega sr. F. e, meu amigo, quem tiver razão é que ganha.

— O caso é um pouco complicado e não sei ainda de que lado está a razão. Contudo, você apresenta esta carta ao meu colega sr. F. e, meu amigo, quem tiver razão é que ganha.

— O caso é um pouco complicado e não sei ainda de que lado está a razão. Contudo, você apresenta esta carta ao meu colega sr. F. e, meu amigo, quem tiver razão é que ganha.

Praça do Brazil S. Bento

REMINISCENCIAS...

Esta passou-se com Sua Magestade El-Rei o Sr. D. João VI, de frendosa memoria, por ter sido, certos dias sabem, o pacifico esposo de D. Carlota Joaquina, que Deus tenha em sua Santa Gloria pelos seculos dos seculos sem fim. Como também sabem, ou devem saber, que a ignorancia nestas coisas de Historia é imperdoavel, e sr. D. João VI tinha varias predilecções: coziar rapé, tocar rubicão e fazer partidas aos varios capitães da corte, eram as suas passas. Entre uma partida de rubicão e uma partida de coziar rapé, a perdoada, e por vezes partida de coziar rapé e de coziar rapé, a perdoada, e por vezes partida de coziar rapé e de coziar rapé...

Ante o monte da caça abatida, D. João VI teve um sorriso significativo e uma ideia luminosa, como soem ser sempre as ideias das testas coroadas, e mandou cerrar uma duzia de chifres, das mãos ferra as e ramalhudas, aos veados a que os tiros certos dos caçadores não havia errado pontaria. E ordenou que os arremessassem muito bem arrumadinhos numa grande cesta, escrevendo, em meia folha de papel de linho, esta oferta palhafeira:

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.



— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

UMA PESSOA

MUITO ECONOMICA

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.

— Meu Amigo, Marquês de Pombal, a Lame.



— Que está a menina a ler?
— Como me recomendem leituras religiosas, estou a ler as cartas de Soror Mariana!...

E OS DA SEMANA

ATACADO DE RAIVA O "TAL CÃO" PRIGOSO "FOI ABATIDO COM UM SÔCO... A "COMPANHIA DO AR LIVRE" TEM A BANDEIRA A MEIO PAU...



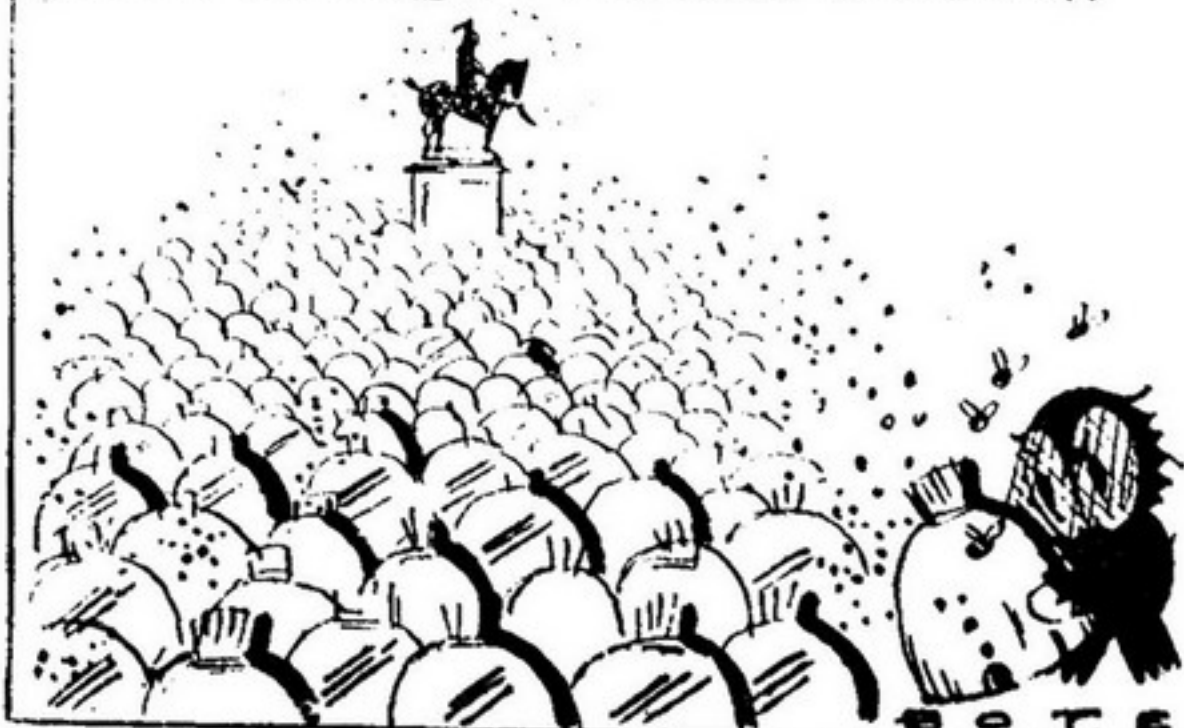
NO "ROMANCE" GRETA LANÇA A MODA DOS PATULEIAS SEM SE LEMBRAR QUE O CHÃO DO S. LUIZ É DE VELUDO.



A DECISÃO DA CISÃO DA A.F.L. VEIU MATAR O DESENVOLVIMENTO DESPORTIVO DA "CLAUQUE" DO BEMFIKA.



O NOVO DECRETO "ADROA" VAI DESENVOLVER A CERA E OS CAMPOS PROPICIOS A MESMA.



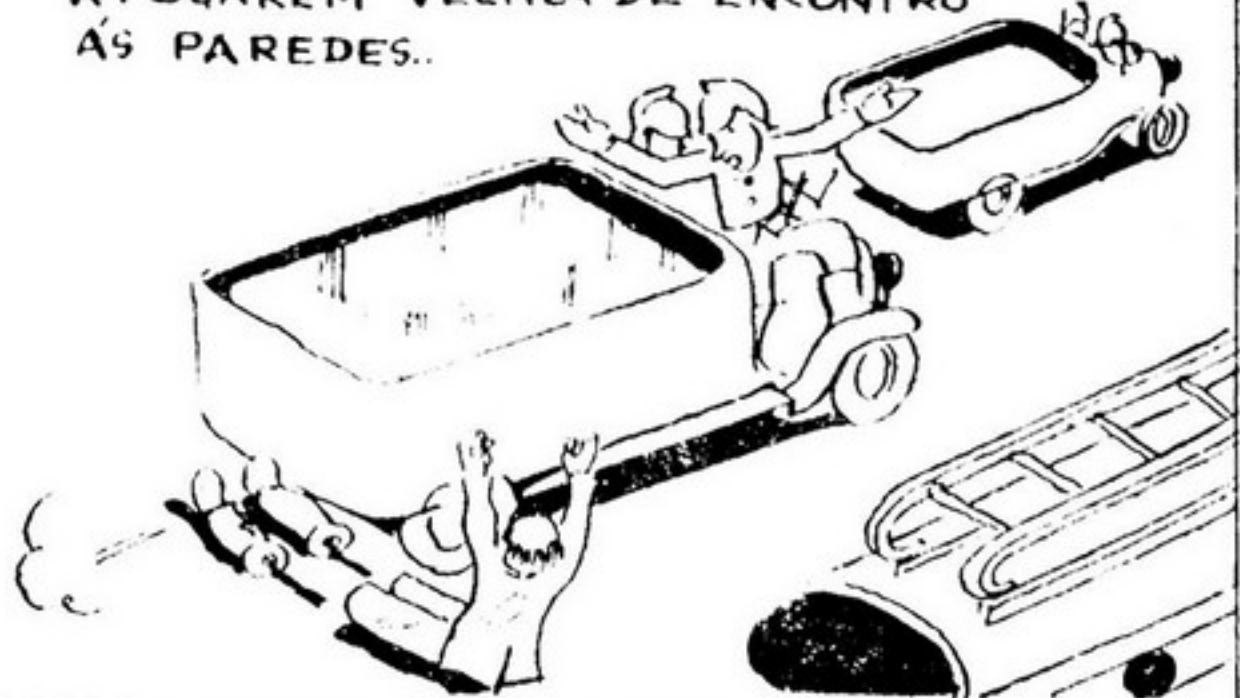
CABREIRA SUBSTITUI NO RÓCIO D. PEDRO IV GRAÇAS A' GRAÇA DA SUA CONSTITUIÇÃO... FISICA E POLITICA



AO "PARECEMAL" NÃO PARECE MAL PORQUE É UM BOTAS DE ELASTICO... MAS ÊSTES POSTAIS SÃO A VERGONHA DA NAÇÃO...



QUE PENA... UNS AUTO-TANQUES TÃO LINDOS "AFOGAREM" VELHOS DE ENCONTRO ÀS PAREDES..



LIGADO AO DECRETO DA CERA VAI FAZER-SE A SEMANA DO TRABALHO QUE JÁ É DE CINCO DIAS, POR ESSE MOTIVO.

